

Flávio Carneiro

A identidade fatal do enamorado não é outra senão:  
*sou aquele que espera.*  
Roland Barthes

Aquele era um dia comum, uma segunda-feira como outra qualquer, até a ressaca era igual. Passava um pouco do meio-dia e o sol parecia desabar inteiro sobre a minha cabeça quando entrei no velho prédio da Rua da Relação.

“Não está funcionando. Já chamei o técnico”, o porteiro disse, sem tirar os olhos do jornal.

“É melhor aposentar esse troço de uma vez”, respondi, olhando para o elevador sempre enguiçado.

Subi as escadas pensando que minha vida não estava nada boa. A cabeça doendo, o calor, e aquela barulheira infernal do prédio misto, de salas comerciais dividindo espaço com apartamentos de moradia. Do primeiro ao quinto andar subi escutando choro de criança, discussão de vizinhos, música alta e o som irritante de algum idiota furando parede.

A porta do meu escritório precisava com urgência de uma nova pintura. Fiquei parado ali por um instante, a plaqueta na minha frente: DETETIVE ANDRÉ – INVESTIGAÇÕES.

Não sei bem se o que senti foi o que os místicos chamam de epifania, não entendo direito dessas coisas, mas talvez tenha sido isso mesmo, uma epifania, uma revelação. Enquanto olhava para aquela placa era como se uma voz me dissesse, com um tom irônico, ligeiramente diabólico: se toca, meu irmão, sai dessa lama.

Eu resolvia problemas de todo mundo, gravava flagrante de adultério, descobria golpes em seguradora, encontrava gente desaparecida, ajudava os cornos e os amantes com a mesma competência e continuava na merda, morando numa caixinha de fósforos em Copacabana e trabalhando num escritório horroroso, num prédio horrível, no centro de uma cidade que me parecia cada vez mais hostil.

“Desculpe, você é o detetive André?”

Virei na direção da voz.

---

1 Conto publicado na Antologia *Rio Noir*, organizada por Tony Belloto. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

“Sim.”

“Será que podemos conversar?”

Abri a porta e fiz um gesto para que a mulher entrasse. Entrei logo em seguida, ofereci uma poltrona e abri a janela.

A luz do sol iluminava o lugar onde ela estava sentada. Minha mesa ficava na penumbra. Eu poderia acender a luz mas preferia daquele jeito. Tinha lido num conto do Machado que era assim que certa cartomante recebia seus clientes. Ela à sombra, o cliente sob uma espécie de foco, como num teatro. A cartomante então podia ler o rosto do freguês enquanto embaralhava as cartas, sem se deixar mostrar inteiramente.

“Em que posso ajudá-la?”

Era uma bela mulher. Reparei no corpo perfeito quando a vi por trás, entrando devagar no escritório. Usava um vestido curto, de malha, vermelho escuro, quase vinho, realçando a pele muito branca. Os olhos pequenos, negros, ganharam um brilho acentuado quando ela começou a falar.

“Desculpe, não sei por onde começar, nunca estive no escritório de um detetive antes.”

“Há sempre uma primeira vez.”

Ela sorriu, com uma timidez um pouco forçada.

“Pode começar me dizendo seu nome.”

“Marina.”

A porta do escritório se abriu de repente e ela se assustou com o barulho.

“Opa, estou atrapalhando?”

Pergunta retórica. Independente da minha resposta, o Gordo iria entrar e ficar naquela sala. O Gordo era um velho amigo e conhecia tudo de ficção policial. Tinha um sebo na rua do Lavradão e nas horas vagas me ajudava nas investigações. Ele não chamava de ajuda. Chamava de assessoria.

Apresentei os dois. Ele a cumprimentou com um sorriso. Eu conhecia aquele sorriso. O Gordo é um tarado e acredito que pense a mesma coisa a meu respeito.

Puxou uma cadeira, virou-a ao contrário e sentou-se, apoiando os braços. Foi um gesto premeditado, para impressionar a mulher, como se fosse um desses caras durões de filme de gângster. Só faltou mastigar um palito e cuspir no chão. Marina ignorou.

“Vim até aqui porque gostaria que você encontrasse uma pessoa.”

“Uma pessoa.”

“Sim. Um homem.”

Fiquei esperando. Ela abaixou os olhos e cruzou as pernas. Apoiou uma das mãos sobre os joelhos. Tinha dedos longos e finos, dedos de pianista. Reparei na aliança.

“Seu marido?”, disparei.

“Não, não é meu marido. Meu marido não sabe de nada. Nem deve saber.”

“Entendo.”

Ela voltou a ficar sem silêncio.

“Bebe alguma coisa, querida? Uma água, refrigerante, cerveja?”, o Gordo perguntou.

“Água, por favor.”

O Gordo foi até o frigobar e abriu uma garrafa de água mineral. Colocou num copo e ofereceu a ela.

Marina olhou para a estante de livros, ocupando toda a parede do fundo do escritório.

“Você gosta de ler, pelo visto.”

“Gosto.”

Ela se levantou e foi até a estante. Os cabelos longos, lisos e negros, terminavam em pontas irregulares. Usava salto alto e andava como se estivesse descalça, levíssima.

Ficou passeando os olhos pelas lombadas dos livros.

“Mas só tem romance policial aqui!”

“Alguma coisa contra?”, falei, em tom de brincadeira.

“Não, claro que não. Até combina com o escritório de um detetive particular.”

“Detetives de verdade não gostam de ler. Acho que sou uma exceção.”

O Gordo se aproximou dela.

“Deixa eu te mostrar uma coisa”, falou, pegando um livro e o colocando nas mãos de Marina.

“O Falcão Maltês.”

“Já leu?”

“Não gosto de romances policiais. E Hammett está longe de ser meu escritor preferido.”

“Sabe que há uma personagem nesse romance, uma mulher, que se parece muito com você?”

“É mesmo?”

“O nome dela é Brigid. Quer dizer, o nome verdadeiro. Ela usa outros também.”

“Hum.”

“Não quer saber por que ela se parece com você?”

“Não.”

Ela respondeu com voz seca e voltou a sentar-se na poltrona.

“Quem é o homem que você quer encontrar?”, perguntei, sem esconder minha impaciência.

“Na verdade, eu não o conheço. Não sei o nome dele, nem o que faz na vida. Nunca conversei com ele. Deve ter um metro e oitenta ou pouco menos, cabelo curto, preto. Pele morena, eu acho.”

“Acha?”

“Nunca o vi de muito perto, só a alguns metros de distância, e à noite, sem muita luz.”

O Gordo olhou para mim, erguendo as sobrancelhas.

“Tudo começou faz duas semanas. Uma noite, quando saí do trabalho, tive a impressão de que havia alguém me seguindo.”

“Onde você trabalha?”

“Na Biblioteca Nacional, setor de obras raras.”

“E mora onde?”

“Aqui no Centro mesmo. Na avenida Calógeras, em cima do Villarino. Conhece?”

“Edifício Pan América. Tive uma cliente que morava lá.”

“Que coincidência.”

“Pois é.”

Ela fez uma pausa, o olhar um pouco distante. Queria saber o que estava pensando naquele momento. Foi uma pausa breve, alguns segundos apenas, logo depois voltou a olhar para mim, continuando seu relato.

“Sempre volto andando pra casa e nunca me aconteceu nada. Você sabe, é perto, uns dez minutos de caminhada. Mas naquela noite senti algo estranho, tinha certeza de que estava sendo seguida. E confesso que fiquei com medo de parar e olhar pra trás.”

“O que você achou que poderia acontecer se olhasse?”

“Não sei. É claro que não iria acontecer nada, a rua estava cheia de gente, mas fiquei com medo. Andei mais um pouco e quando já estava perto de casa tive que parar num sinal. Então olhei e lá estava ele.”

Ela bebeu mais um gole de água.

“Estava com um jornal debaixo do braço. Usava calça jeans e camisa branca, de manga curta. Ficou me encarando.”

“Era boa pinta?”, o Gordo perguntou.

“Como?”

“Era um cara bonito?”

“Não era feio.”

“Era bonito ou não era feio? São coisas diferentes.”

Ela não respondeu.

“E o que aconteceu depois?”, perguntei.

“Continuei caminhando, apressada, até entrar no meu prédio. Acho que nem dei boa noite ao porteiro, subi direto, uma palpitação no peito. Entrei em casa e fiquei alguns minutos deitada no sofá, sem acender a luz. Depois fui até a janela. Abri, olhei pra baixo e lá estava ele, na calçada.”

“Olhando pra você.”

“Exato. Estava encostado num poste, o jornal debaixo do braço, olhando pra mim. Reparei que usava uma bolsa de couro, a tiracolo. Não parecia assustador e também não estava sorrindo, apenas olhava pra mim. Fechei a janela. Fui tomar banho e depois de me vestir voltei a olhar pra calçada. Ele não estava mais lá.”

“Mas apareceu de novo, na noite seguinte”, o Gordo disse.

“Como é que você sabe?”

Ele sorriu.

“Sim, no outro dia ele me seguiu de novo. Nem precisei olhar pra saber que ele estava me seguindo, minha intuição dizia que ele estava atrás de mim. No meio do caminho parei, virei o rosto e fiquei olhando pra ele. Continuava usando calça jeans e uma camisa de manga curta, azul dessa vez. A imagem era quase a mesma da primeira noite, fiquei impressionada. O mesmo olhar neutro, a bolsa a tiracolo, o jornal debaixo do braço, ele a alguns metros de mim, parado, sem nenhuma reação, sem mover um músculo, só parado ali.”

“Desta vez você ficou mais tempo encarando o sujeito, não foi tão rápido quanto da outra vez”, falei.

“Eu não sentia medo, entendeu? Na primeira noite fiquei um pouco assustada mas dessa vez não, ele tinha uma expressão serena, tranquila, não parecia um bandido, um marginal. Parecia ter alguma coisa pra me dizer mas não dizia nada.”

“Passou pela sua cabeça que ele estivesse interessado em você?”

“Claro. Mas por que ele não chegava mais perto, não falava comigo? Dei as costas e fui pra casa. E aconteceu de novo, a mesma coisa.”

“Você abriu a janela e ele estava na calçada.”

“É. Encostado no mesmo poste, com o mesmo jeito, o mesmo olhar.”

“Você viu quando ele foi embora?”

“Não. Enquanto fiquei na janela ele permaneceu na calçada, na mesma posição.”

“Com o jornal debaixo do braço.”

“Sempre com o jornal debaixo do braço. Fechei as cortinas e quando voltei pra janela, mais tarde, não vi ninguém na calçada.”

Definitivamente, aquela não era uma mulher comum.

“Deixa ver se consigo adivinhar”, o Gordo disse, pegando uma xícara de café.

“Na terceira noite aconteceu tudo novamente, o mesmo roteiro: ele te seguiu, vocês olharam um pro outro, depois ele ficou te contemplando da calçada.”

“Não sei se ‘contemplando’ é a melhor palavra. Ele ficou me olhando.”

“Não, minha cara, ele não ficou te olhando. Existe uma grande diferença entre olhar e contemplar. Esse fulano não é homem de ficar olhando uma mulher bonita. Ele contempla. É um cara sofisticado. Doente talvez, mas quem não é?”

Ela riu, pela primeira vez. Tinha um sorriso lindo.

“Você é meio maluquinho, não é não?”

“Pode ser. Mas esse cara aí eu já li de cabo a rabo. Já sei como é a figura.”

“Acho que não”, ela disse, com uma ponta de ironia. “Ainda não contei tudo.”

“Ele continuou me seguindo por várias noites. Mais de uma vez tive vontade de chegar e perguntar o que ele queria de mim, afinal de contas.”

“E por que não perguntou?”

Ela respirou fundo. Depois disse, a voz baixa, quase um sussurro:

“Porque eu estava gostando daquilo.”

Eu e o Gordo ficamos olhando para a mulher à nossa frente. Diria, aliás, que não olhávamos, *contemplávamos* aquela mulher.

“Eu tinha medo do que pudesse acontecer se me aproximasse dele. Não sei, achava que ele poderia se assustar, fugir.”

Pensei que ela fosse chorar. Marina empinou o corpo, se ajeitou na cadeira e segurou as lágrimas.

“Um dia, na Biblioteca, uma amiga me mostrou um livro. É de um escritor francês, Roland Barthes. Vocês certamente não conhecem, ele nunca escreveu um romance policial”, ela falou, com um meio sorriso.

Preferi não rebater.

“Levei o livro pra casa. Era um livro de fragmentos, anotações sobre coisas relacionadas ao amor. E havia uma história muito bonita lá, a história de um mandarim que se apaixonou por uma cortesã. O mandarim se declara e a cortesã diz a ele: serei sua se você me esperar cem noites sentado no meu jardim, embaixo da minha janela. Durante noventa e oito noites ele espera por ela, no jardim. Na nonagésima nona noite, quando ela está prestes a se entregar, ele vai embora e não volta nunca mais.”

“Sacanagem”, o Gordo disse.

“Acho que aceito uma cerveja.”

“É pra já”, falei, buscando duas. Dei uma ao Gordo. Eu não queria beber, não ainda.

“Copiei do livro a história do mandarim. Copiei num pedaço de papel, coloquei num envelope e numa noite, enquanto o homem me seguia, deixei o envelope cair, de propósito. E torci pra que ele tivesse visto.”

“Você deixou cair o envelope como uma mulher apaixonada deixa cair um lenço”, o Gordo falou, e me pareceu que não era provocação.

“Continuei caminhando, seguindo o ritual de todas as noites. Subi, esperei um pouco dentro de casa, abri a janela e o vi, na calçada, olhando pra mim, como sempre. Só que dessa vez com uma pequena diferença, um novo detalhe na cena. Ele tirou da bolsa o envelope e o mostrou, como se dissesse: está aqui, eu peguei.”

Ela tomou a cerveja, lentamente. Depois colocou o copo sobre a mesa. E então disse, a voz firme:

“Foi a última vez que o vi.”

Me levantei e fui até a janela. Lá fora as pessoas andavam apressadas, carros buzonavam, um operário tentava domar uma britadeira. Era pequeno, franzino, não deveriam ter dado uma britadeira para um sujeito assim, pensei comigo.

Não era a única coisa estranha na cidade. O Rio é uma cidade inusitada, cheia de surpresas, e o Centro é o retrato disso. Para começar, o Centro não fica no centro da cidade, fica numa ponta, à beira-mar. Se fosse centro mesmo ficava no meio, não na beira da praia.

“Você tem ideia de onde ele ficava te esperando, até você sair da Biblioteca?”, perguntei, voltando para o meu lugar.

“Ele me esperava sempre numa mesa de calçada, no Amarelinho. Todo final de tarde, quando eu saía da Biblioteca, ele estava lá. Eu descia as escadas e caminhava, devagar, na direção de casa.”

“Cada vez mais devagar.”

“É verdade, cada vez mais devagar.”

Ela ficou me olhando. A história que tinha para contar já tinha sido contada e Marina esperava minha reação.

Abaixei a cabeça e fiquei mexendo em alguns papéis, sobre a mesa. Contas a pagar: luz, aluguel do escritório, condomínio.

“Tudo bem. Vou encontrar esse maluco pra você.”

Depois que ela saiu fiquei pouco tempo no escritório. Dei alguns telefonemas, atendi um cliente e lá pelas quatro horas fechei tudo. Resolvi me concentrar no caso de Marina. Ela estava pagando bem, o Gordo deu o preço desta vez. E foi salgado.

“Nada como aliar trabalho e prazer”, ele disse quando nos sentamos no Amarelinho, numa mesa na calçada, de frente para a Biblioteca Nacional.

Ele achava que devíamos começar por ali. Não que pensássemos encontrar o cara no lugar mais óbvio. Sabíamos que ele não estaria no Amarelinho. Mas o Gordo achava que, antes de mais nada, deveríamos tentar entender melhor, ou supor pelo menos, como ele agia.

“Devemos nos colocar no ponto de vista dele, entendeu, André? Era daqui que ele vigiava a Marina, todos os dias. Lembre-se da lição de um mestre, o padre Brown, de Chesterton: é preciso se colocar no lugar do criminoso, é preciso pensar como ele e prever o que vai fazer em seguida.”

“O cara não é um criminoso. Não é crime seguir uma mulher bonita na rua.”

“Ele fez mais do que isso. O crápula partiu o coração de uma mulher. E digo mais: uma mulher belíssima. E digo mais ainda: uma mulher belíssima e casada.”

“Presta atenção, Gordo, estamos no Amarelinho, como você queria, e acabamos de pedir a quarta rodada de chope. Já deu pra se colocar no lugar do sujeito ou vamos precisar tomar um porre antes?”

“Não seria má ideia. Mas não vai ser necessário, já sei porque ele ficava aqui.”

“Então fala.”

“O cara é um observador profissional.”

“Hein?”



“Isso mesmo que você ouviu. Lembra daquele conto do Poe, ‘O homem da multidão’? O cara do conto, o narrador, era metódico. Ficava sentado num café em Londres, vendo pela janela a rua apinhada de gente. E ele catalogava cada espécime: os comerciantes, os advogados, os funcionários públicos, as prostitutas, os batedores de carteira, os fidalgos e os agiotas, classificava todo mundo. Nosso homem também é assim, não é um amador. Ele tem um método. E assim como o personagem de Poe, ele começa o seu jogo escolhendo muito bem o ponto de observação. Um café no centro de Londres, uma mesa de bar no centro do Rio. Entendeu o paralelismo?”

“Continua.”

“Daqui, talvez até nessa mesa mesmo em que nós estamos, ele poderia observar à vontade, sem dar muito na vista. Passa todo tipo de gente por essa praça, a Cinelândia é um caleidoscópio humano, se você me permite a imagem poética. Turista, mendigo, político, artista, malandro, professor, estudante, bêbados de todos os tipos e, claro, mulheres bonitas.”

“Como a Marina.”

“Sim. Imagina o fulano sentado aqui, bem de frente pra Biblioteca. Às seis da tarde ele vê descendo a escadaria uma jovem alta, elegante, maravilhosa, uma deusa. Ele redobra sua atenção e a segue com os olhos, atentamente. E depois pensa: amanhã vou atrás dessa mulher. No dia seguinte, nesse mesmo horário, ele começa a jogar o jogo com Marina. E o resto já sabemos como foi.”

“E por que você acha que ele desistiu?”

O garçom chegou, trazendo mais chopos.

“Marina mandou um recado: não queria que ele agisse como o mandarim da história. Estava apaixonada por ele e esperava que ele um dia falasse com ela. A espera era a prova da sua paixão. O cara entendeu isso e preferiu cair fora. Sabia que, se continuasse naquele jogo, mais cedo ou mais tarde acabaria caindo na armadilha.”

“Que armadilha?”

“A armadilha em que quase sempre caímos, nós, os românticos, os eternos ingênuos do amor. Aliás, você mais do que eu.”

“Qual armadilha?”, perguntei, caprichando na expressão de tédio.

“A mesma de sempre, desde Adão e Eva. A armadilha do compromisso.”

“Você acha que Marina se precipitou.”

“Claro. Ela não soube esperar o suficiente. Marina assustou o malucão e ele caiu fora. Quando copiou o trecho do livro e o deixou cair, de propósito, ela estava querendo dizer pra ele: não faça como o mandarim, não vá embora na última noite.”

“E ele foi.”

“Pois é. Essas coisas acontecem.”

Do Amarelinho fomos até o prédio de Marina, seguindo o trajeto que ela me disse fazer todos os dias. Atravessamos a Rio Branco, pegamos a Pedro Lessa até o final, entramos na Graça Aranha, que emenda com a Calógeras, e em dez minutos de caminhada estávamos lá. Eu me lembrava bem do Pan América. O apartamento da minha ex-cliente dava de frente para a avenida Beira-Mar, com uma vista deslumbrante. O de Marina dava para a Calógeras mesmo.

“Era aqui que ele ficava, contemplando Marina”, o Gordo disse, encostado ao poste.

Ficamos alguns minutos ali, procurando não sei exatamente o quê. O porteiro começou a nos olhar de um jeito desconfiado. Achei melhor ir embora.

Começamos então nosso roteiro pelos bares, preparado na mesa do Amarelinho. Naquela noite e nas duas seguintes fizemos nossa peregrinação, procurando o homem nos bares de calçada do Centro.

O Rio é uma cidade que está sempre chamando para a rua e o Centro não é diferente. Eu me encontrava com o Gordo ao final do dia e saíamos pelas dezenas de bares espalhados pela rua do Lavradio, da Lapa, das ruazinhas que desembocam na Cinelândia, na velha rua do Ouvidor e arredores.

Foram longas noites, devo dizer. E nada de encontrar o sujeito.

“Paciência, André, é preciso ter paciência. Estou com a intuição de que hoje vamos encontrar o cara.”

“Você fala em método mas não tem nenhum, sabia?”

“Vai por mim, irmãozinho, hoje encontramos nossa raposa matreira, vai por mim.”

Eram oito da noite quando entramos no Arco do Teles. Dei uma olhada para ver se nosso amigo estava em algum dos bares.

“Mudança de planos, André”, o Gordo disse, segurando meu braço. “Próxima parada: Bar Brasil.”

“Você acha que ele pode estar lá?”

“Não. Mas preciso urgentemente comer um *kassler* com batatas.”

“Você não devia ficar comendo costeleta de porco. Engorda.”

“Eu já sou gordo, esqueceu?”

No fundo eu sabia que meu amigo não estava querendo ir ao Bar Brasil apenas para devorar seu prato preferido. Ele estava pensando em

alguma coisa e não queria me dizer ainda. O Gordo é assim, às vezes se acha um Sherlock escondendo de Watson um pensamento qualquer para valorizar sua dedução brilhante no final. Watson, no caso, era eu.

Fomos caminhando até a Mem de Sá. Eu gostava de andar à noite por aquelas ruas. O movimento infernal do dia, com pessoas correndo feito formigas, dava lugar a uma outra linhagem, a dos boêmios. E caminhar à noite me permitia ver com mais calma o casario antigo, as construções do tempo do Império, as marcas de outra época escritas nas ruas como um livro aberto a quem quisesse ler. Eu queria, eu gostava de ler a cidade, em especial o Centro, onde tudo está escrito.

Chegamos ao Bar Brasil e escolhemos uma mesa no fundo. O garçom não demorou a trazer os pratos. O Gordo foi de *kassler*. Pedi bolinhos de carne.

“Vai, fala de uma vez. Por que o Bar Brasil?”

Ele fingiu uma cara de espanto. Depois sorriu.

“Elementar, meu caro. Faz três dias que a gente perambula por aí. Já rodamos quase todos os bares de calçada dessa área. Se ele não estava em nenhum é porque estávamos procurando no lugar errado, entendeu? A questão é a seguinte: o sacripanta não quer ser encontrado. Ele não sabe que a Marina colocou um detetive na cola dele mas por via das dúvidas achou melhor mudar de estratégia. Nada de bares de calçada agora, nada de ficar exposto. Vou ficar num lugar mais reservado, onde eu possa contemplar as mulheres sem muita gente em volta, na minha. Foi isso o que ele pensou.”

“Então por que não mudou de bairro?”

O Gordo cortou um pedaço generoso da costeleta e comeu.

“Coloca uma coisa na sua cabeça, André, o homem é metódico. Ele gosta dessa área, ele não quer sair daqui. É o seu território, entendeu? O cara conhece as ruas, os becos, os bares do Centro como eu e você conhecemos nosso rosto no espelho. É a casa dele. Não é apenas cenário da sua história de vida, é a própria história. E escuta o que vou te dizer, escuta bem: é da aldeia que se enxerga o universo. Aprende, meu amigo, aprende.”

“Você leu isso em algum lugar.”

“Não, não li.”

“Leu sim.”

“Tudo bem, é do Alberto Caeiro. Quer dizer, adaptei um pouquinho.”

Ficamos em silêncio. O garçom trouxe mais dois chopos.

“Como é que você pode saber tanta coisa sobre um sujeito que nunca viu?”

“São apenas hipóteses. E não se esqueça: ‘Que canto entoaram as sereias ou que nome Aquiles adotou quando se ocultou entre as mulheres são

perguntas que, embora intrigantes, não escapam a possíveis conjecturas.’ Sir Thomas Browne.”

“Acho que você está na profissão errada. Deveria ser professor de literatura.”

“Se é pra morrer de fome, prefiro ser dono de sebo.”

“Você não está exatamente morrendo de fome. Não mesmo.”

“Modo de dizer, se é que você me entende.”

“O que eu entendo é que está tudo muito bom, o chope gelado, os pratos no capricho, mas cadê o cara?”

“Acaba de chegar.”

Era ele. Estatura mediana – Marina dissera: um metro e oitenta ou pouco menos –, cabelo preto, curto, pele morena. Calça jeans, camisa branca de mangas curtas, o jornal debaixo do braço. Não faltou sequer a bolsa de couro, a tiracolo. Só podia ser ele.

“Não acredito, Gordo!”

“Pra você ver. Eu disse pra confiar, era só uma questão de tempo.”

O cara entrou, deu uma olhada geral, conversou qualquer coisa com o garçom e escolheu uma mesa perto da nossa. Colocou a bolsa numa cadeira e sentou-se na outra. De onde estávamos, podíamos vê-lo de lado.

Liguei para Marina.

“Encontramos seu amigo. Ele acaba de chegar ao Bar Brasil, na Mem de Sá. Conhece?”

“Conheço. Já estou indo, não deixa ele ir embora.”

“Não demora, não sei se ele vai ficar muito tempo aqui.”

Desliguei.

“Repara só, André, ele finge que está lendo o cardápio.”

“Ele *está* lendo o cardápio.”

“Não, não está. Vi quando o malucão abriu o cardápio sem olhar pra ele. Abriu por abrir. E não está virando as páginas, abriu e deixou aberto, pra disfarçar. Viu agora? Viu?”

Não estávamos longe do homem e deu para notar que ele levantou os olhos do cardápio, muito rapidamente.

“Ele está olhando naquela direção. A mesa com as mulheres.”

Na mesa do outro lado, em frente à dele, três mulheres conversavam alto e riam.

“Do que será que elas riem tanto?”, perguntei.

“Elas são bonitas, jovens e pelas roupas devem ter dinheiro. Precisa de mais alguma coisa pra rir à toa?”

“E qual delas o cara vai escolher pra seguir?”

“Ele não está pensando nisso ainda. Acabou de chegar, está analisando o terreno. E não vai depender só da sua escolha. Vai depender do modo como elas vão sair do bar. Podem sair juntas e entrar no carro parado aqui perto. Aí já era pro malucão. Ou pode ser que uma delas saia antes das outras, a pé, na direção do metrô, por exemplo. Seria perfeito pra ele.”

“Ele fez o pedido ao garçom.”

“Ótimo, significa que vai ficar um tempo no bar. Pelo menos até que a Marina chegue aqui. Ela estava onde? Em casa?”

“Não sei.”

“Com o marido?”

“Sei lá, Gordo!”

“Fiquei pensando: seria engraçado se ela saísse de casa e o marido a seguisse.”

“O marido seguindo a esposa que segue um desconhecido que a seguia.”

“Sim, como aquelas bonecas russas, uma saindo de dentro da outra.”

“Olha o que o cara pediu: *kassler* com batatas. O que mais vocês dois têm em comum?”

“Não sei, mas vou saber já já.”

“Vai saber como?”

“Vou falar com ele. Aliás, nós dois vamos”, o Gordo disse, já se levantando e pegando a tulipa.

“O quê? Vai assustar o sujeito!”

“Vem comigo.”

Peguei meu chope e fomos até a outra mesa.

“Tudo bem, chefia? Será que podemos sentar aqui?”, o Gordo perguntou.

Ele levantou a cabeça e ficou olhando para o meu amigo. Depois para mim, sem dizer nada.

“Não”, respondeu, voltando a comer.

“Por que você segue mulheres?”, o Gordo mandou ver, já se sentando à mesa. Sentei-me também.

Ele fez um sinal ao garçom, pedindo a conta.

“Calma, gente boa, só queremos conversar um pouco.”

“Quem são vocês?”

“Uma amiguinha sua nos contratou. Somos detetives.”

“Da polícia? Não fiz nada errado.”

“Sabemos que não. E não somos da polícia.”

“Não tenho nenhuma amiga. Vocês são loucos.”

“Nós somos loucos? Você fica seguindo mulheres na rua e foge quando uma delas quer falar com você, e nós é que somos loucos!”

O garçom trouxe a conta. O Gordo a pegou.

“Deixa comigo, eu pago. E traz mais três chopes, por favor. Na pressão.”

Achei que o cara fosse sair de uma vez mas ele me surpreendeu: ficou olhando para o Gordo por um instante, depois balançou a cabeça e disse:

“Essa cidade parece um hospício.”

“Posso?”, perguntei, apontando para o jornal.

“Claro.”

Olhei a data na primeira página: era de uma semana atrás. Ele entendeu.

“Não gosto de ler jornal.”

“E por que anda sempre com um debaixo do braço?”

“Pra parecer que sou normal.”

Achei graça. Tive a impressão de que o malucão era um cara bacana. Noutras circunstâncias, talvez até nos tornássemos amigos.

O garçom trouxe os chopes. Bebemos devagar, em silêncio.

“Quem contratou vocês?”

“O nome dela é Marina. A mulher da avenida Calógeras, que você seguiu por noites a fio.”

“Marina. Um belo nome.”

“E uma bela mulher também.”

“Sem dúvida. Pena que seja tão infeliz com o marido. Ela merecia coisa melhor.”

“Como sabe que ela é infeliz com o marido?”

“É só uma hipótese.”

O Gordo riu.

“Por que você segue as mulheres se não quer ficar com elas?”, perguntou.

“Por que você acha que isso é da sua conta?”

“Eu sei que não é da minha conta, mas você poderia me dizer, não?”

“Não.”

“Como você escolhe? Quais são seus critérios?”

O cara matou o chope. Bebeu rápido e entendi isso como um sinal de que poderia cair fora a qualquer momento. Foi péssima ideia aquela de sentar à mesa com ele. A curiosidade é o ponto fraco do Gordo, a gente ainda iria acabar se dando mal por causa disso.

“Sigo as mulheres que querem ser seguidas. Sinto no olhar delas, na roupa que usam, no jeito de andar na rua, sei quando desejam uma pequena aventura. Aquelas três, por exemplo, naquela mesa. Nenhuma serve.”

“Por quê? Parecem bem casadas, é isso?”

“Não. Elas têm amantes. Estão felizes demais pra serem apenas bem casadas. É provável que amem seus maridos, tudo bem, mas têm amantes. Não precisam de mais aventura.”

Eu ainda estava pensando no que ele acabara de dizer quando o cara saiu. Não deu para impedir, ele fez tudo muito rápido. Pegou a bolsa, o jornal e saiu.

.

Segundos depois Marina entrou no bar.

“Cadê ele?”

“Acaba de sair.”

Fomos até a calçada. Ainda deu para ver o cara, seguindo pela Mem de Sá, na direção dos Arcos da Lapa. Dava para alcançá-lo, se Marina quisesse.

“Agora é com você, meu anjo.”

Ela me deu um beijo no rosto. E foi atrás do malucão.

lado. “Não gosto de histórias com final feliz”, o Gordo disse, ao meu

“Não sabemos como vai ser o final.”

“Quer que eu te conte?”

“Não.”

